

NAQUELA LÍNGUA

CEM POEMAS
E ALGUNS MAIS

ANTOLOGIA DA
NOVÍSSIMA POESIA BRASILEIRA

ELSINORE

SELEÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE
Francisco José Viegas

ÍNDICE

09

Nota Introdutória

-

11

Alice Sant'Anna

-

19

Ana Guadalupe

-

23

Annita Costa Malufe

-

29

Caco Ishak

-

35

Diego Callazans

-

40

Laura Assis

-

46

Laura Liuzzi

-

53

Leonardo Marona

-

58

Luca Argel

-

62

Luis Maffei

-

72

Maíra Ferreira

-

77

Mariano Marovatto

-

81

Maria Rezende

-

88

Marília Garcia

-

97

Naiana Amorim

-

106

Nina Rizzi

-

110

Roberta Ferraz

-

119

Tatiana Pequeno

-

NOTA INTRODUTÓRIA

A terceira edição, a coleção de antologias de poesia com que a Câmara Municipal de Matosinhos evoca a memória de Florbela Espanca atravessa o Atlântico.

Estas *seletas de poesia*, que já prometeram *salvar a nossa vida* e nos levaram a revisitar o mar, desafiam-nos agora a atravessá-lo em busca de outros versos escritos na nossa língua. É *mar alteroso e profundo* para a poesia — que cada vez tem mais dificuldade em sair de circuitos reduzidos e fechados. Este tipo de obras, que reúnem e divulgam autores que, de outra forma, teriam muita dificuldade em chegar às estantes portuguesas, têm, também por isso, um papel importante.

Ao contrário do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira (cuja vida e obra inspira sempre as nossas travessias do Atlântico), não há aqui qualquer tentativa de catalogação dos autores por temas ou escolas: é tão-só uma mostra de quase duas dezenas de poetas com obra publicada exclusivamente no século XXI.

Num meio tão atomizado e individualizado, em que cada poeta cria o seu próprio universo e linguagem (a poesia convive estreitamente com a solidão dos seus criadores), desenvolver um exercício de arrumação, estética ou até geracional, seria um ato de profunda arrogância e uma inevitável traição à diversidade de vozes que se apresenta neste volume.

Cabe ao leitor encontrar as suas afinidades e implicâncias; no fundo, cabe-lhe fazer *a sua leitura* — a única razão de ser da poesia: confrontar o leitor com cada verso.

Por fim, é devido um particular agradecimento a todos os poetas, cuja generosidade e confiança permitiram que esta antologia integrasse 25 textos inéditos.

ALICE SANT'ANNA

Alice Sant'Anna nasceu no Rio de Janeiro, em 1988. Publicou os livros de poemas *Dobradura* (7Letras, 2008), *Pingue-Pongue* (2012, em parceria com Armando Freitas Filho), *Rabo de baleia* (Cosac Naify, 2013) e *Pé do ouvido* (Companhia das Letras, 2016). Tem poemas em várias antologias, como a espanhola *Otra Línea de Fuego – Quince poetas brasileñas ultracontemporáneas*.

seis inéditos

E UM DIA AS FORMIGAS DESPENCARAM

e um dia as formigas despencaram
da árvore como se estivessem maduras
uma chuva de formigas
e achamos que aquilo era tão especial
que merecia ser comemorado
na frigideira com manteiga
as saúvas crocantes
comprei um perfume só porque
se chamava água pura
e a graça era pagar caro
por um frasco de vidro
escrito em linhas finas água pura
ficamos em silêncio no telefone
ele perguntou qual era a palavra
eu não sabia qual era a palavra
por isso demorei cinco dias para responder
falei de longas caminhadas pela cidade
não contei que na calçada havia uma fruta
sem casca toda mordida por formigas

uma pêra um banquete
não disse que o som é uma frequência
que na inércia viaja de um lado
para o outro e rebate e pode
perder a força
mas não morre nunca
ainda não sei bem o que isso quer dizer
tudo o que falamos fica pra sempre
fluindo no ar como água?
(como é o cheiro da água pura?)
talvez o som volte mais tarde
e nos pegue de surpresa?
o amigo dela é obcecado pelo movimento
das formigas, o movimento
que olhando de fora parece
assustado ou aleatório mas que nos bandos
internamente faz sentido
e dentro do apartamento por causa do vale
às vezes se escuta uma pessoa falando lá de longe
em casa do outro lado do morro
uma frase baixinha um sussurro
de um vizinho distante
ficamos quietos por tempo demais
com medo de dizer a coisa errada
no telefone não tinha como saber
se você me olhava nos olhos

CAIXAS

ele disse que era uma questão
de paciência
e agora vive
dentro de uma pequena caixa
para a qual me curvo

não estamos próximos mas nos falamos
nas pontas dos dedos
ele me aconselhou a ter paciência
disse que as palavras nem sempre têm
assim tanto peso
que as palavras dentro
de uma pequena caixa pedem
boa vontade mas sobretudo paciência
tudo é envolto por caixas
principalmente a torácica
o meu coração que você carrega
por outra parte
talvez em outro planeta
paciência: eu também
caminho empilhando caixas
uma em cima da outra
equilibradas mas o tempo todo
a um fio de spatifar no chão
não sei de que material é feita a caixa
algo frágil que não amassa
não é papelão ou papel pardo é mais
vidro fino um cristal
que pode proteger do vento mas não
da queda nunca da queda: paciência
o vidro pode romper numa lufada
se estivéssemos no palco o mágico
convidaria sua assistente para deitar
numa caixa preta e com uma serra
cortaria a mulher em dois
as perninhas balançando de um lado
e o sorriso amedrontado do outro
depois num lance impressionante o mágico
juntaria as duas caixas
ou todas que fossem necessárias

e pediria para a moça receber
os aplausos da plateia
as pernas e o sorriso agora num corpo só
numa única caixa
que vem a ser o corpo
enquanto isso você pega um trem
embrulhado em muitos casacos
que não protegem a lâmina de vidro
um túnel subterrâneo
profundo sob a terra em qualquer parte
eu sou a assistente me valendo de medidas
desço para recolher as flores no chão
sorrio com o olhar distante
paciente mas sem muita certeza
de que essas são mesmo
as minhas pernas

SEM SABER SE AINDA É DIA OU NOITE

sem saber se ainda é dia ou noite
puxa um pouco de lado a cortina
pra ver lá fora o barulho
que faz o mundo quando desaba
pancadas de água no prédio verde
entrando a toda pelas janelas
o prédio bambo talvez caia
nunca sabe se é melhor assistir às tragédias
ou fechar a cortina e ouvir
o estrondo ou ainda
fechar a cortina e os ouvidos
para ter certeza de que nada está se passando
ficar imune a tudo não sentir mais
do que se sente (que já é tanto)
o prédio da frente está no limite

mas talvez esteja também este aqui
não sabe como é a vista da janela
de lá pra cá o prédio esguio
sob as nuvens chumbo
como bate a chuva como treme

COMPROU BRINCOS DE ÂMBAR

comprou brincos de âmbar
porque alguém disse
que se juntasse a cor da pele
com a dos olhos e dos cabelos
a soma seria âmbar
no telefone ela sorri muito
mexe a cabeça para que os brincos
pendurados batam no fio
assim ela lembra que está de brincos
assim ela lembra que tanta gente passa uma vida
inteira sem saber qual é a soma
de todas as cores
e eu já encontrei a minha, ela diz
cheia de dentes (os dentes
imagino do outro lado da linha)
conta que tem dormido pouco
acorda sonolenta
não lembra nunca do que sonhou
ou fala isso porque no fundo os sonhos
são inconfessáveis
até para o analista teria vergonha
de repente uma longa pausa
e se os sonhos fossem
subitamente proibidos?
ela pergunta dramática
diz que não vai ter pressa

o mapa astral diz para não ter pressa
não vou acumular dívidas
minha vida será confortável
um amor e filhos é possível
enrosca o âmbar com o indicador
aperta a pedra até não quebrar
um amor que ainda vai acontecer
a astróloga a aconselhou a viajar
vai comprar um anel em cada canto do mundo
precisa usar os anéis todos juntos
uma mão toda de prata quase uma luva
depois perder os anéis um por um
especialmente aquele com a pedra âmbar
dizer que tomou todo cuidado possível
para não perder os anéis
mas todo cuidado não previne do frio
que afina os ossos no inverno
e faz com que os anéis deslizem e se lancem
não previne dos assaltantes
nem dos lapsos em quartos de hotel
nem das pessoas que pedem
para ficar com um lembrete uma recordação
todo cuidado não elimina sequer a vontade
de esquecer o anel de propósito

O BARULHO AO LADO

o barulho ao lado
uma rachadura é provável
no prédio recém-construído
novinho em folha
apartamentos comprados
na planta já tinha gente vivendo
e todos tiveram que sair

se mudar pra casa da tia
voltar pra casa da mãe
cada um se arranja como pode
diante da ameaça do tombo
mas eis que todo dia quando caminha por perto
acha que é justo quando caminha por perto
que o prédio vai ruir de vez
se não ruiu até agora se não
desabou completamente
não encheu a gávea de poeira de asfalto
de sofás novos e uma escrivaninha que alguém
herdou da avó do recife
da geladeira que guarda um último caqui
na caixa e um presente da maison du chocolat
o laço que não romperia com a queda
os bombons ainda intactos
quando chega em casa já de noite
sente muito frio
calça meias nos pés e durante o sono
sem perceber tira as meias com muito calor
sonha com montanhas que desmoronam em série
sempre de dentro pra fora

DEITADO COM O DEDO NA BOCA

deitado com o dedo na boca
o sorriso invertido
curvado como uma montanha
a pele da perna uma cédula
gasta e seca
todos os dias rigorosamente iguais
banheiro, visitas, ampolas de sangue
às vezes tem mordomias como
um pedaço de pão ou uma fruta

doce nem pensar
da janela passa uma nuvem de carros
um táxi amarelo convida
a ir a qualquer lugar
sem previsão de alta o táxi é mais
uma miragem um filme
na televisão aquele programa da tv5
sobre casas em paris sem saneamento
pessoas que moram hoje, você acredita?, em quartos
sem janelas, apartamentos no sexto andar
sem elevador, como será que fazem para subir
com a água? não tomam banho, naturalmente
depois se cansa da conversa
a nuvem se torna mais espessa
na hora do rush o táxi não tem serventia
se não puder tomar o caminho que leva
ao ponto mais alto
de onde se vê a curvatura da terra

ANA GUADALUPE

A na Guadalupe nasceu em Londrina, em 1985, e hoje mora em São Paulo. O seus poemas foram publicados em antologias, sites e revistas literárias de vários países. Em livro, publicou *Relógio de Pulso*, pela 7Letras, em 2011, e *Não conheço ninguém que não seja artista*, pela Confeitaria, em 2015.

três inéditos

ALLAN KARDEC

espírito que observa este mundo
do sofá empoeirado da dimensão paralela
que dia chato
e longo
deve ser o seu
que programação
repetida
preparamos
este ano

são tantas cenas de ronco e banho

e mesmo assim você fica obcecado
e no canto da sala acompanha os vivos
com sua má postura ferimentos olheiras etc. afinal
você não tem passado bem
desculpe se imagino errado
não conheço bem as teorias do espiritismo

suponho que no pós-vida não há luz
mas há aqui na tela

do aparato que encaro o dia todo
todos os dias
digitando com apenas dois dedos
os farelos de pão velho caindo no teclado

que vida triste você pensa

são tantas horas da mesma atividade
que você se entedia e cochila
deixando pra depois seu trabalho
de fazer assombração

A/C PROPRIETÁRIO DO IMÓVEL

caro proprietário deste imóvel
em que vivo já há algum tempo
sem nunca no entanto abandonar o medo
de você acordar meio mal-humorado
ou querendo abrigar seu sobrinho
que faz faculdade de cinema
ou apenas irritado
com meus hábitos noturnos
conforme informaram os gestores
do condomínio

acredito ingenuamente
que se você me conhecesse
mudaria de ideia de forma brusca
enfrentaria a reprovação dos parentes

se você me conhecesse
veria meu esforço e esmero
saberia que morei em outros 23 espaços alugados
antes de chegar rolando a este
se então fôssemos amigos

que se conhecem há menos de um mês
mas já se compreendem profundo
você notaria que sua renda total é suficiente
e que eu tenho tristezas o bastante
para que você me liberte dos valores
e avise rapidamente os gestores
que tenho o direito de residir para sempre
e livre de medo
neste seu apartamento

O ALUGUEL E O SONO

na cama o sono fica arisco
ao lado do respirar ruidoso asmático
do aluguel quase vencendo

o aluguel rouba os travesseiros
os edredons e os pesadelos
mas paga a casa onde fica a cama

concordamos que o sono é meio covarde
e o aluguel o cônjuge que oprime
o ano inteiro e todo dia quinze
sem querer e com muita vontade

— três poemas de Não conheço ninguém que não seja artista, 2015 —

AMIGOS DEMAIS NAS REDES SOCIAIS

a pessoa que cultivava amigos demais
amgs d+
inspira inevitável desconfiança
é provável que marque encontros com setenta
deles na lanchonete ao mesmo tempo
para tornar o processo mais rápido
os olhos esbugalhados nas fotos

AMIGOS DEMAIS NAS REDES SOCIAIS II

amizade na infância é útil
há tempo de sobra e a casa
do amigo talvez tenha mais brinquedos
pais mais equilibrados biscoito recheado

anos depois manter um amigo
pode determinar uma agenda difícil
aborrecimento com seus novos discursos
fotos em exagero de frente pro mar

APROVEITAR A VIDA

sem saber o que vai acontecer
daqui a duas ou três semanas
fica difícil aproveitar a vida

ir ao café com amigos
olhar o cardápio sem medo
rir comendo bolo

esquecer centenas de doenças
tragédias das mais terríveis
cenários perigosos pra qualquer hora

a enorme lista de opções oferecidas
pelo mistério ou pelo acaso
é mais imaginativa no que pode
dar errado

ANNITA COSTA MALUFE

Annita Costa Malufe nasceu em São Paulo, em 1975. É autora dos livros de poemas *Fundos para dias de chuva* (7Letras, 2004), *Nesta cidade e abaixo de teus olhos* (7Letras, 2007), *Como se caísse devagar* (Ed.34/PAC, 2008), *Quando não estou por perto* (7Letras/Petrobras, 2012) e, mais recentemente, *Um caderno para coisas práticas* e *Ensaio para casa vazia* (ambos pela 7Letras), lançados na FLIP 2016.

————— três poemas de *Quando não estou por perto*, 2012 —————

ANOTAR FORTUITAMENTE O BRANCO

anotar fortuitamente o branco o
contorno do vidro modulando o
branco do céu anotar como quem
anota rapidamente um recado as
letras dando a entender um nome
o vidro embaçado pela maresia
a planta fina que cresce entre as telhas
úmidas anote o que digo mas rápido
a voz tem um sotaque rápido ou
lento não sei bem o nome
de onde? um sotaque não me lembro
não faz sentido os nomes são
sempre os mesmos fortuitamente
anoto o contorno que modula veja
o tom de branco esgarçando
aqui rapidamente anote o que
digo entre as telhas na primavera
costuma ser nesta época não sei
de onde este sotaque este modo

de esticar o «r» eu acho que é
nesta época esta planta fina os ramos
costumo anotar mas rapidamente
o contorno se desfaz em seguida e
é entre as telhas na infiltração dos dias
um reflexo automático nisto
de falar da morte e em seguida
olhar o relógio

«Há uma espécie de reflexo automático nisso
de falar da morte e, em seguida, olhar o relógio.»
M. Benedetti, *A trégua*

NÃO ISTO NÃO É UM SONHO TODA VEZ

que há um cavalo uma montanha
a paisagem é a divisa é a
primeira lembrança

isto não é um sonho ou uma
divagação subir a montanha
durante toda a manhã e se perder
no caminho de pedras
brancas como se fosse um atalho

agora todos subimos a montanha
enquanto as flores começam
a nascer e ela diz um galho
uma bifurcação uma visão
mineral e estreita
sombra que muda de lugar

agora todos subimos não isto
não é um sonho não isto não é um
atalho

uma sombra que muda de lugar e
uma vez que muda de
lugar

somos todos nós que
subimos a montanha somos um número
perdido e proliferação de atalhos sem
continuidade

acompanhar a lua que muda
de lugar o trajeto da
lua que muda de lugar

O QUE FALO NUNCA É O QUE FALO

o que falo nunca é o que falo
e sim outra coisa ouve-me ouve-me
daí deste silêncio deste longe longe
a primeira vez que ouvi foi isto longe
uma voz secreta balbuciando ouve
ouve daí você pode me ouvir? era a
pergunta como ficar por um instante aí
no silêncio em torno da pergunta
sem resposta é como estar sem
resposta o que falo nunca é exatamente
o que falo sereno limpo calmo esperar
longe longe a primeira vez que te
ouço é a primeira mas uma voz secreta
um assobio você pode girar em torno
a pergunta não tem resposta como ficar
ficar aí o silêncio em torno é sim
outra coisa o que falo ouve daí
ouve-me você certa vez uma resposta
diria que uma resposta não é jamais
uma resposta o que falo falo daqui

sem calcular certa vez seria isto um
assobio descentrar procurar não é
bem este o conteúdo forma e conteúdo
forma conteúdo separar separar
certa vez esta a pergunta ouvir longe
longe sem resposta ficar este espaço
ouça este espaço em torno este silêncio
vazio escuro espera o que falo qual é
a pergunta qual sereno calmo esperar
qual é senão assobio alto baixo ficar
fluir fluir sem retorno um assobio longe longe

«Ouve-me, ouve meu silêncio.

O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa.»

Clarice Lispector, *Água viva*

três poemas de Um caderno para coisas práticas, 2016

NUNCA ESTOU COMPLETAMENTE PRESENTE

nunca estou completamente presente há
sempre algumas vozes a mais que
me dividem elas me puxam ou
empurram há certas vezes uma
confusão de vozes uma disputa de
vazes que dividem o corpo nunca
estou completamente aqui
há sempre uma flutuação que me
impele me expulsa do corpo

eu nunca estou completamente
aqui meus pés sempre flutuam
um pouco se descolam do apoio
os ouvidos se grudam em algum
som ou são os olhos que desviam
as mãos que vagam como se

pertencessem a outra cena
alguma coisa que se passa
noutro lugar com outra
pessoa algo distante noutro
tempo noutro corpo

às vezes são as palavras
que se descolam seguem uma
linha premeditada outras
vozes corpo ventríloquo
não estou aqui é muito
claro os fios que regem esses
braços e pernas são finos
quebradiços prestes a
se romper sou um
ventríloquo títere não sou
o que se enxerga daí

VAMOS SE APRESSE CORRO DE UMA

vamos se apresse corro de uma
nebulosa fria se apresse corra
contra o tempo corro contra o
relógio ele sempre dizia frio
impassível um rosto de plástico
ela comparou se apresse mas
de que adianta de que adianta
perguntar corro e corro sem
ver estou no ônibus indo
para o trabalho estou quase
chegando não posso falar agora
se apresse estou indo você
não vê não vejo nada à minha
frente não falo estou envolto
numa nebulosa fria os pés presos

enredados corro mas de que
adianta ela comparou o rosto
não se mexia impassível se
apresse vamos tenho um
rosto de plástico

MAIS UNS QUARENTA MINUTOS E SAIO

mais uns quarenta minutos e saio
daqui não sei quem apontou nem
para onde não sei para onde mas
saio a qualquer momento sem
qualquer explicação a medida do quarto
a falta de ar nada mais cabe aqui olhe
bem duas prateleiras vazias duas
distâncias eu te disse tudo vai acabar bem
mais uns quarenta minutos a qualquer
momento tudo poderia acabar ou tudo
seria explicado catalogado nada mais
cabe nem um par de sapatos nem uma
meia você tomou as medidas tudo
vai acabar bem eu te garanto por alguns
instantes pude ver dois rostos sobrepostos
uma rápida visão duas distâncias
ou prateleiras vazias não sei quem apontou
tampouco qual era a explicação

CACO ISHAK

Caco Ishak nasceu em Goiânia, em 1981. Participou nos projetos Ruído e Literatura, Na Tábua, Orquestra Literária, Blooks, entre outros. Publicou *Dos versos fandangos ou A má reputação de um estulto em polvorosa* (7Letras, 2006).

quatro poemas de *Dos versos fandangos ou*
A má reputação de um estulto em polvorosa, 2006

NOW

lambo privadas como quem lambe o amor
degusto rezando a areia dos gatos
gargarejo a água suja dos papéis que assumimos

a camisa que visto é unissex
as calças, os sapatos, tudo unissex
até as cuecas ela usa e, portanto, unissex

virginia woolf e eu uivávamos juntos
era eu quem escrevia a revolução com pagu
quem embarcou no trem com donatella

respeitem meu século vinte

não estou atrás de uma costela
nem a frente, por cima ou abaixo
todo enroscado num rabo de saia

a guerra está vencida
e agora é catequizar

a parte chata da brincadeira

opção a)
minha mulher só quer andar na rua
com seu shortinho apertado e suas coxas
grossas que eu adoro e todos podem
adorar desde que num silêncio ritualístico

opção b)
minha mulher só quer sair com as amigas
e não ser estuprada pela vadia que está sendo
ao pintar as papas da língua de vermelho e
humilhar com seu contra-falo intelectual

opção c)
minha mulher não é minha

que a guerra cesse, portanto, também na cama
que a cama passe, portanto, também a jogral

mas, querida, abre o champagne
'cause boys also wanna have fun

FIM DE JOGO

então, me diz
importa é quem diz
se hoje pensas
não quero mais
mas só por hoje
qual certeza
então, me diz
importa é quem diz
o resto é broma
é troca de olhares
de quem pensa

mas não vê
além do próprio
umbigo e pensa
mas não diz, nem vê
pra além da dança
pra bem além do copo
do corpo de quem dança
e vê e joga e espalha
as cartas todas pelo
tabuleiro numa sopa
de egos, umbigos, certezas
só não diz, mas pensa
e se acreditasse
na aposta de olhos
fechados veria que
o que não diz, embora
pense, importa mais
ou tanto menos do
que quem diz e assume
embora só pra si mesmo

eictv, san antonio de los baños, 19 de abril de 2015.

SINAIS

quando te vi partir
logo depois da chuva
a primeira chuva logo
antes do sol se pôr
voltei pra casa e caiu
em mim a chuva mais triste
e me pus a beber e a chover
e a imaginar o que eu teria feito
pra te levar a ir embora assim

se o cabra marcado pra morrer
em cali ou medellín ou se o abismo
que vinha chegando e me tirou
de quadro, de foco, do pensamento
em que nunca estive e abri um livro
(adeus às armas — ler hemingway
em cuba, meu ideal de romantismo)
e qual não foi minha surpresa ao
ver que a mocinha tinha teu nome
e quão maior não foi minha surpresa
quando you can't always get what you
want (but if you try, sometimes...)
começou a tocar e te vi passando
e uma joaninha pousou na garrafa de
havana club que bebia, chovia e me fez
imaginar as palavras mais simples e
dei um sorriso e fechei a garrafa e
deixei que o sol nascesse em mim

eictv, san antonio de los baños, 17 de abril de 2015.

HALAHÁCHES

quando sinais são tão absurdos
que mesmo um louco se acanha
ao ruminar os cotovelos no balcão
dum bar e se certifica de esguelha e
desaba no estouro da boiada
à espera da marca no couro
feito gado perdido no pasto

BOTAFORA NEOCONCRETO
(POSPROPOSTA AGALOPE)

esta
va er

rado

não sei t
rabal
h
ar

sob
pressão

arranha o c
éu castra-vento

CASO PERDIDO

como quando antes do fio
de macarrão selar um beijo
a massa estupra a mesa e
torce o reflexo de pescoços
na sopa do pão dormido

como quando do escuribreu
alguém te aborda no meio
de uma festa em que a fuga
era o único plano vigente
não fosse alguém um susto

como quando o livro que
a garota ruiva de óculos lê
deitada no campo já não tem
mais o que dizer pois foi escrito na
esperança de assegurar um final

como quando
wasn't hard to love you
— didn't have to try
estoura contra a cumbia
e o pescoço cai na sopa
e chupa-se o próprio carço
feito macarrão selando o beijo

como quando um marinheiro
não tem como salvar um naufrago
do afogamento porque do afogamento
já salva um outro naufrago com a única bóia
que sobra no barco, bóia em si, ancorado contra
a corrente do que o marinheiro de fato anseia

eictv, san antonio de los baños, 15 de abril de 2013.

DIEGO CALLAZANS

Diego Callazans nasceu em Ilhéus, em 1982. É autor dos livros *Nódoa* (7Letras, 2015) e *A poesia agora é o que me resta* (Patuá, 2013) e do minilivro *Blasfêmias* (7Letras, 2015). Tem poemas publicados em diversas revistas literárias.

————— *dois poemas de A poesia agora é o que me resta, 2013* —————

NÃO SOU SENHOR SEQUER

não sou senhor sequer
do corpo que me veste

nem minha sombra
me reconhece

o nome a que me ataram
— largo — pesa

meu passo — leve
— nem rastro deixa

meus versos queime
— não há quem tome

ideias... dei-as
— me atrasavam

posso nem mesmo a ave
que em meu inverno lateja

JAMAIS TE ILUDAS

jamais te iludas:
a paz é breve.

tolera o verme
somente o quanto
adia a luta.

todo tratado
é uma cilada.

ausculta à lupa
atrás dos sinos.

não dê desculpa
para explodir-nos.

se for preciso,
a mão lhe estende.
força um sorriso.

com vela rente,
indaga o vento.

mantém a adaga,
oculta o intento.
nossa voz curta
assim prescreve.

jamais te iludas:
a paz é breve.

[MINGAU]

e, pela beira,
a colher veleja.

a boreste topa
tormenta frouxa.

— *antes fosse sopa.*
desce mal.

— *aguenta:*
para mais não temos.

dá sustância o tanto
que sustente as cordas.

— *fecha a conta.*
— *bota pra lavar*
mais tarde.

— *pois que a pia aguarde.*
(já não há prazer
na janta.)

Revista *Escamandro*, 2013

três poemas de Nódoa, 2015

[ÉPICA ÍNFIMA]

fui por noite enferma
a gemer manhãs,
desnudo de unguentos,
mil senões por ar.

fui pelas galés
a coser monções,
expurgo da lei,
o pender por norte.

fui por mata escusa
a fremir fragatas,
descido dos astros,
por bem só meus ais.

[EPIFANIA]

ela tem cachos como escaravelhos.
olhos de impérios contidos.
tem risos de foda com Pã.
às mãos, *molotov* e sementes.

ela tem napoleões no andar.
a alma em ruínas acesas.
um maço amassado que pulsa.

ela tem meu intento de instante
no branco dum dia sido.

[ADVERTÊNCIA]

nem toda obra é prima.

algumas porções de argila
encontram cansado oleiro.

nem todo mármore é Fídias.
nem toda vida, Odisseia.

as moiras também se perdem
se tecem sob encomenda.

nem todo herói é Aquiles.

mas mesmo maus mamulengos
têm uso em tramas pueris.

refugo — sei — é o que escrevo,
pois lesa é a musa que o diz.

nem todo verso é de Homero.

alegra-te, tu que lês,
nós somos da mesma merda.

a irrelevância é fraterna.

LAURA ASSIS

Laura Assis nasceu em Juiz de Fora, em 1985. Tem poemas publicados em diversas revistas, jornais e sites. Participou na *Antologia de Poesia Plástico Bolha* (Organograma, 2014) e na exposição *Poesia Agora* (Museu da Língua Portuguesa, 2015). Faz parte da equipa de organização do Eco Performances Poéticas. É autora de *Depois de rasgar os mapas* (Aquela Editora, 2014) e *Todo poema é a história de uma perda* (Edições Macondo, 2016).

————— três poemas de *Depois de rasgar os mapas*, 2014 —————

LIKE A BITTER STRANGER

o mal de todo dia
entrou pelas suas mãos
e tirou o melhor de mim

motoristas de táxi
sabem mais da minha vida
do que meus pais

meus amigos
largaram o jogador
e o jogo
se jogaram
do sétimo
andar

entre copos vazios
e corredores apertados
o mundo ainda é tudo
que quase não aconteceu

ACERTO

Eu entendo
as variações
e não importa
onde você está,
espaço e tempo
são só equações.
Imagem e movimento
são sinais
ou projeções
que preparo
ou aparto
enquanto escuto
passos
em outra direção.

Eu desenho
traços,
pontos exatos,
rabiscos.
Sempre há risco
mas a vida é bem
mais difícil
que isso.
O resto é abismo
e de noite existe
essa matéria
invisível
inventando desvios
nas palavras
que você ainda
não aprendeu
a dizer.

CHÃO

O silêncio
não é o melhor meio
de conter acidentes.

Corpo escolha luz sorte
detalhe perda relógio tudo
existe além da linguagem

(seu nome:
serial de rumores
que nada diz
sobre seus gestos).

Talvez ler
o livro do mundo
seja também
saber perdê-lo.

Antes do ruído,
a vida é.

RUÍNA

Eu sei, éramos indelicados
com quem
acreditava na vida:
vinte anos e as paredes
impregnadas
de espanto
e desprezo
pela revolução.

Escuta, não sobrou nada,
anulamos todos os sinais,
nossa presença:
um ponto
sob o radar, e tudo
se perdeu por lá
com a certeza de um
incêndio.

Espero que agora
seus olhos
ofusquem
as luzes minerais
do Boulevard Saint-Michel.

Espero que você
esqueça
tudo aquilo que se desfez
na sombra clara do futuro
que não soubemos adivinhar.

Revista *Avenida Sul*, 2016

——— *dois poemas de* Todo poema é a história de uma perda, 2016 ———

DIA

Ninguém sabe o que virá na trama estreita
da tarde que se abre livre sob teus passos,
mas neste espaço onde tudo muda,
e ainda assim nada acontece,
a comunicação é impossível
e isso é o que me faz querer tornar possível
o mundo que vejo em você.

Longe daqui eu seria outra pessoa,
acordaria cedo, falaria sobre o infinito,
desacreditaria de desastres e livros
e talvez até escrevesse poemas
sobre ter o coração no lugar certo.

Mas talvez explicando assim
você pare de me olhar
como quem não espera nada
além de um acidente:
antes das casas, casamentos e filhos,
depois das mortes, das visitas, dos confrontos
— a violência da sua presença
girando todos os dias
na órbita exata
das minhas escolhas.

AMANHÃ

Nunca se sabe de que
o estranho no espelho
vai se arrepender
na manhã seguinte,
mas às vezes
basta um passo
e tudo se ilumina.

Nunca se sabe qual
indício ficou de fora,
investido no segredo
da fotografia
(e há dias
em que você só precisa
se esconder de lentes,
palavras e visitas).

Nunca se sabe o jeito certo
de dar nome às coisas maiores,
nem o espaço exato
que separa o futuro e o agora,
mas diga a senha e entre,
porque nunca se sabe se o nunca
está mesmo disposto
a esperar
para sempre.

LAURA LIUZZI

Laura Liuzzi nasceu no Rio de Janeiro, em 1985. Autora das coletâneas de poemas *Calcanhar* (7Letras, 2010) e *Desalinho* (Cosac Naify, 2014), prepara o lançamento de *Coisas*, pela coleção «Megamíni», da editora 7Letras.

seis poemas de *Desalinho*, 2014

VONTADE

Entrar em casa sem que a porta
rangesse, sem que o cachorro
da vizinha farejasse minha vinda
sem que o sofá conservasse as
formas do meu corpo, sem que
eu precisasse tomar aquele copo
de água que toca o azulejo e emite
um som rouco, sem que houvesse
corpo. Entrar em casa como
a música entra nos ouvidos.

CORAÇÃO SOBRE CAMA

Se de repente acordo
é madrugada
surpreende o coração
descansa sobre os lençóis
exausto
não tenho sede nem sono
e nem mais coração.
Se acordei e é madrugada

era pra ver você
que não está nesta cama.
Enquanto canto bem baixinho
os batimentos desaceleram
lentamente, quase imperceptível
até a voz sumir entre os lençóis.
Esperaremos a manhã
o coração e eu
e os jornais o carteiro as babás
colocarão as coisas no lugar:
o coração no peito
você à distância
os lençóis na lavanderia.

SOBRE UM LIVRO

Ler à noite
neste quarto
à meia voz
metade som
metade sopro —
emprestar vida
ao livro
antes morno
sem rumor
deixá-lo que use
minha voz
me surpreenda
a cada linha
de língua inglesa
até que desalinhe:
ondula, angula-se
dobra a curva
e desaparece.

ORQUESTRA

Não há cortina
para esconder os músicos
nem mesmo a música
se esconde nos instrumentos.

Está tudo aos olhos da plateia
porque a sinfonia não se pode ver
senão nos gestos do maestro.

À minha frente, antes do primeiro
comando, pode estar o violoncelista
em terno preto. Mas pode ser um ouvinte.

Quando se sentam os músicos
cada um em seu tempo afina
seu instrumento e acerta a folha
da primeira sinfonia: confusa algaravia.

Então vem o regente
sob uma saraivada de palmas
com sua vara de condão.

Os músicos ajeitam a coluna
alisam os traços do rosto
e encaram o maestro
que, com dois olhos apenas
cruza com todos que têm nele a mira
buscando a confirmação
de que pode começar.

Tão logo soerga
a batuta e soe
o primeiro acorde
ouve-se, milagrosamente, o silêncio.

AUTORRETRATO

Assim como pode água
nascer de pedra
posso eu também
ter matéria grave
e intransponível
conjugada a esta outra
transparente, irrepresável.

Basta um olhar à fotografia –
o bebê no colo
o papel envelhecido.
Ao mesmo tempo que um avança
somando anos
o outro recua, mais antigo.

Quando as tardes pareciam
maiores
quando o fim do dia
era o fim do dia
quando tatuagens não eram
para sempre.

O tapete da sala era branco
e peludo, parecia um bicho
depois da ração diária.

O sol entrava geométrico
espremido entre as grades
desenhava escarpas
onde me deitava
junto ao bicho.
Eu fechava os olhos
para ver as cores no escuro.

Só o que morria era inseto.

Insiste a interrogação
quando de frente ao espelho:
como pode ser tão diferente
o frontal do perfil?
E me pergunto, desde então
se todos enxergamos as mesmas coisas
se a língua não é tão só
um mesmo código para coisas distintas
se entre mim e você
não há um abismo sem solução.

O que sei é o que não sei
sobre projetos de futuro.

Mesmo assim escrevo cartas
(funcionam melhor que espelhos)
para meu próprio endereço.
Me respondo como se já tivesse
arquivado toda a memória
e pudesse confortar
confrontar o porvir.

Quando escrevo me passo a limpo
sem riscar as imperfeições.

A infância ainda gravita
em mim. Não só
a minha, mas outras
que vêm como músicas
sub-reptícias, por um atalho
por onde atravessam
com a velocidade

incalculável
do tempo.

Dar nome às coisas:
primeiro passo torto
até que se deseje
as coisas puras
sem auxílio de som —
a rosa única
a pedra que se sabe pedra.
Segundo passo, falho:
inominar.

Nos retratos guardamos nos olhos
o vidro dos olhos do gato
a cama ainda desfeita
a última tempestade
e o escuro do que virá.

[Colher nas mãos o que
das mesmas mãos se extinguiu:
pedra papel tesoura.]

GRAVE

Chove —
chove até nos peixes.
O corpo afunda
quieto, lento, vivo.
Corpo exilado em si
rocha vibrante, suficiente
sob a indiferença do céu.

Corpo-coral: corredor
de peixes elétricos, mas
quietos, lentos, vivos
no fundo do céu
são estrelas são estradas
e não é nada:
é só a chuva e a palavra chuva.

LEONARDO MARONA

Leonardo Marona nasceu em Porto Alegre, em 1982. Publicou os livros de poemas *Pequenas Biografias Não-autorizadas* (7Letras, 2009), *L'amore no* (7Letras, 2011) e *Óleo das horas dormidas* (Oficina Raquel, 2014). Tem textos publicados em vários sites e suplementos literários.

————— *seis poemas de Óleo das horas dormidas, 2014* —————

SEM VERBO, SEM ADJETIVO”

com o pensamento em miles davis

ainda não de todo corpo a verdade,
sem verbo ainda a pele do processo,
acima de tudo, um deslize adjetivo,
dentes e areia nos olhos da penumbra,
miles de minha infância, aleluia, sim!
escultura de metal com molas, prego
no caminho em música, cavalgadas
de paz como feitiço, chapéu da noite
dentro dos ossos, escola da exigência,
frequência de rua, tempo de gueto,
pulso da abstração, catarata on/off,
agulhas de mel no topo do sentido,
um dia, talvez, elegância da margem,
dança com dois punhos de algodão,
órgãos em drama de semiesperança,
assim já não, nunca mais, agora outro
deserto memória da agonia em pelos,
sem um verbo, desta vez sem adjetivo,
prazer de íris, maná, dilatação do susto,
colhão de maremoto, show das raças,
verbo transe da massa, óculos de raio,
colisão de vara verde na escola do tédio.

PICO

estátuas de silêncio abutres iluminam nossos pulmões,
temos as pernas em chamas e, muitas vezes, torcemos
os joelhos para trás incrédulos; é assumir a carga de deus
e escorregar um pouco ralando braços, vermelho disforme
que dispara nossos desabamentos ladeira abaixo, diante
de uma fome um pouco mais estranha e a obsessiva ida
ao pico de nossas incertezas seguiremos e muitas vezes
olharemos para baixo e esperaremos a tal morte, talvez,
súbita morte que acompanha tão bem a sorte provisória
de ser pela primeira vez presa do que nos fez nascer assim.

NÃO VALE A PENA FALAR

no momento você deve resolver seus dentes e voltar para mim.
as raízes quedaram-se para baixo e penduram nossa infecção.
não vale a pena falar a pena não vale falar uma pena não falar.
acordamos a manhã a dentadas e vestimos a borracha da dor.
não há o que falar não fale o que há o que há não fala falamos.
copio as folhas que se abrem mortas num catavento carmesim.
as falhas nossas de cada dia nos dai hoje mas não perdoe nada.
não se pode perdoar o que cobre nossa intenção traumatizada.
das ruínas dos castelos erguemos cartas com furiosas

[carrancas.

da felicidade apalavrada fizemos um pacto para nossa espera.
nossos medos apavoram a síndrome dos frágeis coelhos pardos.
há belezas vagarosas no entremeio do teu molho para saladas.
e meu suco ralo de humanidade vindoura é doce como a morte.
e mordiscas meu antebraço com a promessa de um despejo

[feliz.

ESCREVO AGORA COMO QUEM ME DÁ A MÃO

aqui te embalo para sempre em meus sonhos,
a ti, o próprio, fruto de todo prazer indubitável,
a quem ferimos com nomes e histórias de famílias,
mas que está aqui e agora, ainda circulando em peixe
dentro das veias e da pulsação que nos levará à morte,
e estar diante desta inafiançável situação é também
uma chance de contrapor a essa pobre velha cansada,
a morte, e que respeito tenho por ti, ó morte, agora,
quando me faltam as veias e as batidas do coração,
como à velha mãe faltaram na hora do enterro cego,
é você que guia os passos que não damos, a dor
que sentimos enquanto dizemos *sou eu que sinto*,
mas é mais que outra coisa, é mais que tudo isso,
e seria tão só você pudesse esta mesma coisa louca:
estar ao menos bem vestida quando me cuspiisse
seus tenebrosos decassílabos, além do que odeio
o cheiro do seu caviar russo, e antecipo suas cáries.

QUINTA DE MAHLER – FINALE

para luiz cervasio

não seremos inteligentes, eis a dádiva.
a tentativa da inteligência nos matou em dez segundos.
diremos ao deitar, no ouvido da pessoa amada:
esta é a coisa mais importante que já me aconteceu.
e isso será sempre sem inteligência.
aceitaremos as relíquias de uma atlântida nevada,
e isso também será sem inteligência.
o que queremos é a rosa na boca do trompete.
a inteligência quer uma história, um contorno,
mas sabe-se o quão redonda pode ser a imprecisão.
basta olhar um monte de pó que flutua no chão do teu

[quarto

e verás que a beleza não tem nada a ver com a inteligência,
e não haverá inteligência alguma enfim, e acolherás o pó.

UMA MENOS

por ora os abutres sobrevoam
a lagoa fetal e, muito em breve já munidos
com as devidas garras de enxofre,
eles darão o rasante metálico
e tudo isso será apenas uma história,
um mito, um terá-alguma-vez-acontecido,
mas os amantes estarão esfarelados
em suas carnes antigas, abraçados numa confusão pagã,
a carne nova estará no balcão vermelho dos negócios
[de feira,
as breves frases delicadas ter-se-ão tornado
bustos pesados de paz em vírus.

a galope o pequeno órgão ratifica
a vaga culpa, estamos nus sob um sol desdenhoso,
não há realmente porque falar sobre isso com ninguém.
as salas minúsculas e os alquimistas calvos
afunilaram o ambiente com paciência e muito ânimo.
serás processado, triturado e lançado ao acaso
em tua própria tendência succínica, e não será possível
abrir mão deste silêncio como osso tranca-traqueia,
ainda nem uma cabeça, um todo
germinal que no entanto pulsa.

a morte da grécia está nas ruas
e já não poderei vê-la porque a partir de agora
os olhos forçam para dentro as mágoas,
as covas rasas se alinham ao ventre,
não há realmente porque falar sobre isso com ninguém.

entende-se que a morte do pai reaproxima o par,
pois que assim seja, saberemos renunciar
a qualquer passado por uma nova vida, daremos
as mãos em nosso pior inverno, riremos como clowns
e poderemos até assaltar um banco, costuraremos
as máscaras dos sorrisos heroicos e caminharemos
com um pedaço a menos, adiante.

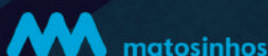
«UMA DE NÓS, ENTRE MIM MESMA
E TU, POESIA, DURANTE O ABRAÇO,
DISSE QUE NESTA VIA ERAM SIM
RACIONAIS DUAS POSSIBILIDADES
A DE CUIDAR DAS FRUTAS E SABER
DA SUCULÊNCIA OU FAZER UMA
PALAVRA NASCER PURA DE CHARCO.»

Com seleção e organização de Francisco José Viegas, esta é a primeira antologia publicada em Portugal da novíssima poesia brasileira, um desafio a que o leitor atravesse o Atlântico em busca de outros versos escritos em português. É *mar alteroso e profundo* para a poesia — que cada vez tem mais dificuldade em sair de circuitos reduzidos e fechados.

O poema convive estreitamente com a solidão dos seus criadores. Num meio tão atomizado e individualizado, em que cada poeta cria o seu próprio universo e linguagem, desenvolver um exercício de arrumação, estética ou até geracional, seria um ato de profunda arrogância e uma inevitável traição à diversidade de vozes que se apresenta neste volume. Por isso, não há aqui qualquer tentativa de catalogação dos autores por temas ou escolas. É tão-só uma mostra de quase duas dezenas de poetas brasileiros com obra publicada exclusivamente no século XXI.

Cabe ao leitor encontrar as suas afinidades e implicâncias; no fundo, cabe-lhe fazer *a sua leitura* — a única razão de ser da poesia: confrontar o leitor com cada verso.

Com apoio de



ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-01-5



9 789898 855015

Poesia

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT